

---

## AS ELEIÇÕES DE 1958 E O GOVERNO BRIZOLA NO RIO GRANDE DO SUL: IMPRENSA, DEBATES E MODELOS DE DESENVOLVIMENTO

### ELECTIONS OF 1958 AND THE GOVERNMENT BRIZOLA IN RIO GRANDE DO SUL: PRESS, DEBATES AND MODELS OF DEVELOPMENT

---

Eduardo Pacheco Freitas  
Graduando História/PUCRS  
eduardo.freitas.001@acad.pucrs.br

**RESUMO:** O presente artigo está voltado para os debates políticos e econômicos ocorridos nos jornais Correio do Povo e Diário de Notícias (ambos de Porto Alegre e os de maior circulação na década de 50) durante a campanha para o governo do estado do Rio Grande do Sul em 1958 e durante o primeiro período do governo Brizola, de acordo com a periodização proposta por Cánepa (2005). Embora a delimitação espacial esteja circunscrita ao estado do Rio Grande do Sul, não deixaremos de levar em consideração a articulação entre a política e a economia regional com o governo de Juscelino Kubitschek e seu modelo de desenvolvimento para o país. Como marco temporal é utilizado o ano de 1958 - onde se desenrolam a campanha e as eleições - e os dois primeiros anos do governo Brizola (1959 e 1960). A pesquisa justifica-se pela necessidade de se aprofundar a análise de aspectos ainda pouco explorados pela historiografia, que tem privilegiado, no que diz respeito a este governo, basicamente os temas relacionados à reforma agrária, às encampações, à educação e ao movimento da Legalidade. Assim, pretendemos analisar o debate sobre quais os modelos de industrialização estavam sendo propostos pelas duas principais alianças políticas (PTB-PRP-PSP e Frente Democrática) durante a campanha, bem como a orientação do governo do estado após Leonel Brizola ser eleito. Assim, buscaremos compreender o papel da grande imprensa gaúcha nos debates referidos. O período é caracterizado pela forte ideologização das questões referentes ao desenvolvimento do país e carece de um trabalho que faça a análise no contexto regional.

**PALAVRAS:** Imprensa. Desenvolvimentismo. Leonel Brizola. Plano de Metas. Eleições de 1958.

**ABSTRACT:** The present research is focused on the political and economic debates in the newspapers Correio do Povo and Diário de Notícias (both Porto Alegre and the largest circulation in the 50s) during the campaign for the state government of Rio Grande do Sul in 1958 and during the first period of Brizola government, according to the periodization proposed by Cánepa (2005). Although the spatial boundaries is limited to the state of Rio Grande do Sul, will not fail to take into account the relationship between politics and regional economy with the government of Juscelino Kubitschek and its development model for the country. How timeframe is used the year 1958 - which unfold the campaign and the elections - and the first two years of the Brizola (1959 and 1960) government. The research is justified by the need to further examine aspects still unexplored by historiography that has emphasized, with regard to this government, primarily issues related to agrarian reform, the takeovers, education and movement of Legality . Thus, we intend to analyze the debate about which models of industrialization were being proposed by the two major political alliances (PTB-PRP-PSP and Frente Democrática) during the campaign as well as the guidance of the state government after Brizola be elected. So, try to understand the role of the great debates in the “gaúcho” media said. The period is characterized by strong

ideological issues concerning the development of the country and needs a job to do the analysis in the regional context.

**KEYWORDS:** Press. Developmentalism. Brizola. Target Plan. Elections 1958.

## Introdução

A presente pesquisa tem seu foco voltado para os debates políticos e econômicos ocorridos nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* (ambos de Porto Alegre e os de maior circulação na década de 50) durante a campanha para o governo do estado do Rio Grande do Sul em 1958<sup>1</sup>. Na verdade é uma pesquisa muito incipiente, estando ainda na primeira fase de levantamento de um corpus documental, iniciado pelo jornal *Correio do Povo*. O jornal *Diário de Notícias* será analisado em um momento posterior.

Também nos interessa o primeiro período do governo Brizola (vencedor da eleição), de acordo com a periodização proposta por Mercedes Cánepa<sup>2</sup>, que divide o governo Brizola em duas etapas: uma primeira, mais pragmática - e esta é a visão de muitos outros autores também - que vai da posse em janeiro de 1959 até o movimento da Legalidade em agosto de 1961; e uma segunda etapa, com uma guinada à esquerda, após o episódio da Legalidade. Como temos interesse em investigar os debates ao longo da campanha que conduziu Brizola ao governo do Estado, descartamos a segunda etapa e incluímos o ano de 1958 no qual acontecem a campanha e a votação. Um dos objetivos da pesquisa é compreender o processo de mudança de posicionamento do Brizola candidato/Brizola governador em relação aos problemas econômicos do Rio Grande do Sul e como isso foi retratado na imprensa. Este primeiro período seria aquele no qual “o governador toma consciência da crise econômica do Estado buscando interpretar suas causas” (CÁNEPA, 2005, p. 262).

Devido a isso, embora a delimitação espacial esteja circunscrita ao estado do Rio Grande do Sul, não deixaremos de levar em consideração a articulação entre a política e a

<sup>1</sup> Segundo Cepêda “é impossível analisar o processo de constituição e transformação da sociedade brasileira sem discutirmos tanto o problema econômico quanto o fenômeno histórico do desenvolvimentismo” (in ABREU; SILVEIRA, 2014, p. 133).

<sup>2</sup> Para a autora, o governo Brizola se divide em dois grandes períodos, sendo o primeiro deles aquele que vai da posse até a renúncia do presidente Jânio Quadros. Este primeiro período seria aquele no qual “o governador toma consciência da crise econômica do Estado buscando interpretar suas causas” (CÁNEPA, 2005, p. 262). Portanto, sendo o mais importante para o estudo que pretendemos realizar.

economia regional com a política e a economia nacionais e o governo de Juscelino Kubitschek e seu modelo de desenvolvimento para o país<sup>3</sup>. Afinal, foi durante o governo de Juscelino Kubitschek que o termo “desenvolvimentismo” consagrou-se e, de acordo com Benevides, este governo “distancia-se do nacionalismo getulista pela ênfase concedida ao capital estrangeiro, cujo ingresso privilegiado constituiria o principal motivo de crítica das esquerdas ao governo” (1991, p. 12). Crítica esta que aparentemente não ocorre durante a campanha de Brizola, surgindo somente após o candidato eleito assumir o governo do estado.

Vale ainda lembrarmos que, como fontes principais, além da bibliografia disponível, utilizaremos os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* (com suas coleções acessíveis na hemeroteca do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa), efetuando em um primeiro momento - referente à campanha e à eleição de 1958 - a análise da cobertura feita por estes diários, de modo a destacar os discursos do candidato Leonel Brizola sobre os modelos de desenvolvimento e de industrialização que seriam os mais adequados para a superação da estagnação econômica do Rio Grande do Sul.

Em um segundo momento, que diz respeito ao exercício do governo pelo então governador Brizola, serão analisadas as reportagens e “a pedidos”, a fim de comprovarmos a mudança de posicionamento de Brizola frente aos problemas econômicos do estado após a posse, porém, com o acréscimo da análise dos editoriais, a fim de evidenciarmos qual o posicionamento da imprensa neste debate.

## O contexto brasileiro dos anos 50

Em 1958 o Brasil vivia o surto de desenvolvimento dos anos Juscelino Kubitschek. Segundo Skidmore,

<sup>3</sup> De acordo com Moreira (in DELGADO; FERREIRA, 2011, p. 189) o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek associava os interesses dos grandes industriais e dos grandes proprietários de terras, pois “aprofundava o processo industrial e incentivava a expansão e a modernização do setor rural em bases, contudo, oligárquicas. Durante a implementação do projeto nacional-desenvolvimentista, simultaneamente reproduzia-se e ampliava-se o que se julgava de mais “arcaico” na sociedade: a grande propriedade rural e a classe social e política a ela ligada.”

O período Kubitschek tornou-se conhecido por suas realizações econômicas, e é daí que devemos começar analisando a presidência. O dinâmico presidente prometeu “cinquenta anos de progresso em cinco de governo” e não há dúvida de que de 1956 a 1961 o Brasil apresentou um crescimento econômico real e marcante. A base para o progresso foi uma extraordinária expansão da produção industrial. (1979, p. 204).

Porém esse desenvolvimento, baseado em um modelo que criaria polos dinâmicos, que irradiariam a riqueza, além da onerosa construção de Brasília, começa a dar sinais de que as regiões periféricas como o Rio Grande do Sul estão sendo marginalizadas no processo. A verdade é que o Rio Grande do Sul não recebia investimentos do governo Juscelino Kubitschek. Como demonstra o historiador do pensamento econômico brasileiro Ricardo Bielschowsky, o crescimento do PIB brasileiro no período compreendido entre 1956-61 foi de 7,4% e a expansão industrial contou com aumento de 10.1% (2004, p. 402). Por sua vez, o Rio Grande do Sul não percebeu índices tão expressivos, ficando no mesmo período com um crescimento de apenas 1,2% ao ano e a indústria crescendo somente 2,2% em média.

A economia gaúcha cresceu 9,5% aa entre 1950/55 e apenas 1,9% aa entre 1956/60 (a indústria cresceu 5,2% e 2,2%, respectivamente). Neste último período, o setor primário caiu 0,4% ao ano, devido, sobretudo, ao controle de preços de alimentos para conter a inflação, em alta no período. As dificuldades da indústria se deviam à falta de energia, precariedade dos transportes, falta de indústrias de base (aço, cimento, derivados de petróleo), pequena escala e escassez de capital, acarretando custos médios mais altos e baixa competitividade. Apesar disso, a produção de bens de consumo intermediário pela indústria subiu de 22,8% do total em 1949, para 26,3% em 1965; a participação da produção de bens de capital no conjunto passou de 3,9% em 1959, para 6,2% em 1965. (MÜLLER in DACANAL; GONZAGA 1998, p. 174).

Em outras palavras: é uma verdadeira involução da economia gaúcha. Não apenas estagnação ou crise momentânea, mas um grande retrocesso, sobretudo quando comparada com a economia brasileira. Obviamente, essa involução já era perceptível em 1958, mas mesmo assim o candidato Leonel Brizola, devido às características peculiares da campanha daquele ano (estabilidade política, ideologia desenvolvimentista) responsabiliza a administração de Ildo Meneghetti pela estado caótico da economia do estado, culpando o PSD por não ter capacidade de planejamento e execução. E também por não ter uma articulação efetiva com o governo nacional. A aliança que levou Juscelino Kubitschek ao poder era PSD-

PTB, mas no Rio Grande do Sul estes dois partidos eram grandes antagonistas, portanto o PSD (do governador Meneghetti) estava mais próximo de uma oposição a Juscelino Kubitschek do que propriamente sintonizado com o governo federal. Nesse sentido a eleição de 58 é “estadualizada”, devido a esses fatores mencionados. Contudo, ao assumir, Brizola tem noção do estado da economia e passa então a “nacionalizar” radicalmente a política regional, passando a trabalhar com propostas que unam a esfera de soluções econômicas para o estado com as soluções políticas de âmbito nacional. Então é nesse cenário que trabalhamos (não somente no ano de 1958, mas na década de 50 como um todo), buscando compreender as relações entre economia e política regional, nacional e como a imprensa refletiu estas relações.

“Indústria, sim!” parece clamar o Correio do Povo, ao elencar todos os pontos positivos de uma política econômica que seja favorável à expansão industrial, por exemplo. Contudo, o jornal não esquece o campo. Como já havia defendido em editorial do dia 27/10/1955<sup>4</sup>, o jornal insiste na necessidade de, simultaneamente ao investimento na indústria, haver atenção especial para as atividades agropecuárias, de forma “que não se acentue o desequilíbrio que vem se verificando entre um e outros setores”. Afinal, a natureza da economia e da geografia brasileiras, segundo a opinião do Correio do Povo, favorece, sem dúvidas, a um desenvolvimento paralelo da indústria pesada e da agropecuária.

O significado da industrialização para o jornal do Correio do Povo é bem claro: desenvolvimento econômico que levará ao “bem-estar do povo brasileiro”. O entusiasmo do jornal com o surto de industrialização, mesmo com a crise política e econômica, é evidente, sobretudo por considerar-se que os empreendimentos previstos se concretizarão de maneira muito rápida.

Quem ignora o que representa para um país sua industrialização? É, antes de mais nada e decisivamente, seu fortalecimento econômico, sua libertação de fontes produtoras alienígenas e mais oportunidade de trabalho para a sua população. (Correio do Povo: 27/10/1955, p. 4).

O jornal se questiona sobre se existirá alguém que não compreenda a importância da indústria para o país e pontua em três aspectos esta importância. O primeiro deles diz respeito

4 Editorial “Surto de Industrialização”, Correio do Povo, 27/10/1955, p. 4.

ao fortalecimento da economia, que assim, se tornaria menos vulnerável às crises, como a que ocorria no momento; o segundo motivo, e muito importante, quando compreendido à luz dos debates econômicos do período, que se desenrolavam em torno da vocação agrária (dependente das exportações) e da própria industrialização (que tenderia a fortalecer o mercado interno) se refere à produção nacional de bens de consumo; e, por fim, a geração de emprego e renda.

### A campanha eleitoral de 1958 no Rio Grande do Sul

Além dos debates econômicos da eleição de 1958, nos quais se evidenciam as propostas diferenciadas de modelos de industrialização que as duas principais forças políticas defendiam para o estado<sup>5</sup>, um dos aspectos mais importantes das eleições de 1958, com ampla repercussão na imprensa, diz respeito às alianças e apoios recebidos e rechaçados pelo PTB e por Brizola.

Brizola que é considerado historicamente um grande nome das esquerdas, em 1958 realizou uma aliança bastante ‘exótica’ com o partido dos integralistas (PRP) e podemos perceber na próxima citação a maneira como o candidato precisou defender a legitimidade de tal aliança.

Não considero o PRP um partido de direita. Prefiro fixar-me em seu programa e na sua ação política, que aí está para análise e exame de todos. Considero da direita outra forças da política nacional, as mais reacionárias, como o Partido Libertador e o chamado lacerdismo da UDN. (Brizola, Correio do Povo: 10/04/1958, p. 12).

Na verdade esta aliança não representava uma novidade, já tendo sido utilizada nas eleições de 1955 que levaram Brizola à prefeitura de Porto Alegre. Plínio Salgado em pessoa emitia notas de apoio a Brizola como podemos ver nessa notícia de julho de 58.

<sup>5</sup> Devemos lembrar que a indústria gaúcha tratava-se “(...) até os anos 50, de uma indústria fundamentalmente voltada à elaboração de matérias-primas agropecuárias, de um lado, e, de outro, voltada ao fornecimento de algum equipamento e insumo a essa mesma agropecuária e a outras indústrias” (MÜLLER in DACANAL; GONZAGA, 1979, p. 364). Neste sentido, no contexto do desenvolvimentismo, que se torna importante a análise das propostas defendidas tanto pela aliança em torno do PTB quanto a da Frente Democrática.

O PRP e o PTB são os partidos mais atuais. Eles estão em dia com a necessidade urgente de realizar o conúbio do econômico-social com o político-cultural e, desta forma, construir a grande Nação que sonhamos. Brizola é um espírito jovem, enérgico, idealista e desejoso de fazer grandes coisas por sua terra e de engrandecer o Brasil. Escolhemos bem e estamos satisfeitos. (Plínio Salgado, Correio do Povo: 8/7/1958).

Aliás, a formatação da plataforma de governo da aliança PTB-PRP-PSP deve muito aos ataques da FD à aliança com o PRP (partido de ideologia autoritária) e ao apoio dado por Prestes e os comunistas (partido ilegal, na forma de PR). Brizola precisou durante toda a campanha justificar a aliança com PRP, que aliás foi o que lhe garantiu a eleição, pois era o partido que tinha penetração nas colônias de italianas sobretudo e também recusar o apoio dos comunistas. Da mesma forma, precisou rechaçar o apoio dado pelos comunistas e por Luís Carlos Prestes:

Não temos e não teremos qualquer tipo de entendimento com os comunistas, como até não compreendemos a recente manifestação do líder comunista. Ou ele está mal informado ou agindo de má-fé. (Brizola, Correio do Povo: 10/04/1958, p. 11).

Ele não concordava com as perseguições aos comunistas, mas considerava o comunismo uma ideologia que levaria a uma “sociedade de formigas” (Correio do Povo, 05/09/1958) e que ele deixaria de existir se os problemas sociais fossem resolvidos, é claro, pelo trabalhismo<sup>6</sup>.

### **Governo Brizola: diagnóstico da crise e mudança de discurso**

Após assumir, a situação muda de figura e a luta de Brizola passa a ser não pela articulação do governo estadual com o governo federal, mas sim pela mudança do modelo de desenvolvimento que marginalizava estados como Rio Grande do Sul. É importante considerarmos que o governo Brizola é tido pela historiografia tradicional como um governo

---

<sup>6</sup>Posteriormente, houve a exigência histórica para que o PTB aplicasse praticamente a sua doutrina de incorporação do proletariado, pressionando desta forma Brizola e o partido em direção ao socialismo (MÜLLER in DACANAL; GONZAGA, 1979, P. 402).

de rupturas na política estadual. No entanto, esta visão vem sendo contestada por alguns pesquisadores.

(...) o governo Brizola, que ocorreu entre os anos de 1959 e 1962, é, via de regra, associado ao termo ruptura, mas para tratar da definição de duas situações distintas. Na primeira delas, para caracterizar a própria gestão do ex-governador - que teria rompido com práticas políticas que visavam beneficiar aos setores mais conservadores, instaurando projetos voltados para a distribuição de renda e o desenvolvimento com base em investimentos em infra-estrutura e alterações na matriz produtiva do Estado. Esta ruptura, ou seja, o próprio mandato de Brizola, teria se caracterizado como uma espécie de marco na história do Rio Grande do Sul, com alterações significativas em áreas como a Educação (uma das prioridades do governo), a geração de energia, a infra-estrutura de transportes ou a estrutura agrária. (...) A segunda possibilidade de uso do termo ruptura em relação ao governo do então petebista no Rio Grande do Sul marca um episódio mais específico: a Legalidade, em 1961. (BEMFICA, 2007, p. 9-10)

A autora não acredita em ruptura no primeiro período do governo Brizola (de acordo com a periodização que utilizamos)<sup>7</sup>, portanto, não sendo possível caracterizar seu governo como um todo desta forma. Acredita que é possível a utilização do termo ruptura a partir do que chama de um giro à esquerda após o episódio da Legalidade. Ainda analisa a possibilidade de aplicação do termo "ruptura" ao governo Brizola, concluindo que se ela existe se dá em duas formas distintas: o governo em si como ruptura com os padrões políticos vigentes até então e o episódio da Legalidade. De qualquer forma, em outra passagem, a autora caracteriza o modo de agir de Brizola na política que podem servir como orientação para compreendermos hoje o processo de mudança do seu posicionamento sobre as dificuldades econômicas do estado.

(...) Leonel Brizola era, a exemplo de seus antecessores e sucessores, um político em atuação dentro do relativamente jovem sistema republicano democrático em vigor no país. Ele se movimentava dentro de um cenário de práticas políticas conhecidas e institucionalizadas, que inclui promessas que nem sempre são cumpridas, acusações, às vezes sem qualquer comprovação, como forma de desqualificar adversários, estabelecimento de alianças que tenham como finalidade atender ao objetivo de conquista do poder político,

<sup>7</sup> Cf. CÁNEPA, 2005.

apresentação de acontecimentos e indicadores que sempre favoreçam sua permanência ou a de seu partido ou grupo político no poder e um critério bastante "elástico" sobre o que pode ser considerado verdadeiro. Ou seja, parece que seu exemplo, e o da conjuntura política de então se enquadra bem na teoria política maquiavélica, que separa moral (como sistema de códigos de conduta que prime pela honestidade, a fidelidade, a tolerância, e o fazer o bem, para citar apenas alguns) de política. (BEMFICA, 2007, p. 28).

Contudo, não é exatamente este enfoque que nos interessa aqui. Para nós o importante é a mudança de posicionamento de Brizola a respeito das dificuldades econômicas do estado do Rio Grande do Sul e que fica evidente nos dois trechos que selecionamos para esta comunicação.

No primeiro, durante a campanha, cheio de otimismo, Brizola insiste na questão do planejamento (assim atacava a suposta desorganização do governo estadual) e considera que o Brasil está no rumo certo, restando o Rio Grande do Sul acertar o passo.

O desenvolvimento econômico, porém, não é um processo espontâneo, que se apresenta graciosamente aos povos e às comunidades. É, ao contrário, um processo dependente da vontade do homem. Hoje em dia, praticamente todos os governos das nações civilizadas, sejam quais forem suas ideologias, tratam seriamente dos problemas do desenvolvimento. Em nosso país, nessa matéria, estamos já passando de uma fase de empirismo e improvisação para o planejamento sob o impulso de uma mentalidade criadora, de otimismo, de confiança e de certeza no futuro, movimento recuperador que se realiza sob a inspiração e orientação pessoal e direta do digníssimo presidente JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA. (Correio do Povo: 9/9/1958, p. 5).

Na mensagem que envia a Assembleia em 61 o tom é completamente outro: a crítica violenta ao modelo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek que provoca a deterioração dos termos de troca entre regiões do mesmo país, enriquecendo umas e empobrecendo outras.

(...) numa nação como a nossa se não se fizer corretamente a distribuição geográfica da indústria, a fábrica que for montada nas zonas de economia dominante, tendo o país por concessão e o mercado nacional por área fechada de influência e hegemonia, passará a sugar a economia das regiões periféricas em vez de a elas levar benefícios e impulsos desenvolvimentistas. (Mensagem, 1961, p. 8-9).

### Considerações parciais

#### Oficina do Historiador

Revista docente do Programa  
de Pós-Graduação em História  
- PUORS

Suplemento especial 204  
eISSN 2178-3748



Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial - eISSN 21783738- I EPHIS/PUORS - 27 a 29.05.2014, p.1708-1718.

Como visto ao longo do texto, esta é uma pesquisa em estágio inicial, portanto, trazendo, por enquanto, apenas alguns poucos resultados. Contudo, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de se aprofundar a análise de aspectos ainda pouco explorados pela historiografia, que tem privilegiado, no que diz respeito ao governo Brizola no estado do Rio Grande do Sul, basicamente os temas relacionados à reforma agrária, às encampações, à educação e ao movimento da Legalidade. Assim, se torna importante que sejam realizadas análises, devidamente contextualizadas, acerca dos debates sobre quais os modelos de industrialização estavam sendo propostos pelas duas principais alianças políticas (PTB-PRP-PSP e Frente Democrática) durante a campanha, bem como a orientação do governo do estado após Leonel Brizola ser eleito. Um dos nossos objetivos é compreender o papel da grande imprensa gaúcha nos debates referidos. O período é caracterizado pela forte ideologização das questões referentes ao desenvolvimento do país e carece de um trabalho que faça a análise no contexto regional.

Já pudemos, nos primeiros contatos com as fontes, detectar uma mudança significativa de posicionamento de Leonel Brizola após a eleição. Até então o candidato Brizola atribuía as causas da estagnação econômica do estado à incompetência da administração a qual fazia oposição. Ao vencer o pleito, o candidato passa a atacar o modelo nacional-desenvolvimentista imposto pelo governo federal. Pudemos também observar o pragmatismo da campanha, ao surgir uma inusitada aliança entre PTB e PRP, algo determinante para a obtenção de votos nas colônias de origem italiana e alemã no interior do estado.

De qualquer forma, ainda restam muitas questões em aberto e que pretendemos responder ao longo do maior aprofundamento do trabalho, seja com fontes da imprensa ou bibliografia. Por exemplo, precisamos determinar qual o posicionamento da imprensa diante da crise e das propostas para a sua solução. Nesse sentido, precisamos isolar e analisar quais os modelos defendidos pela imprensa, pelos candidatos em 1958 e pelo governo estadual. Outra questão relevante é compreendermos como se dá o processo de mudança de discurso de Brizola em relação à crise econômica do Rio Grande do Sul quando comparamos suas propostas durante a campanha e após assumir o governo. Para isso, precisaremos ter, de maneira bem clara, qual o posicionamento do candidato e qual o posicionamento do governador em relação à situação econômica que o RS atravessava durante o governo do

presidente Juscelino Kubitschek. Este ainda é um trabalho em andamento, e pretendemos apresentar estas respostas em uma próxima fase da pesquisa, com uma nova comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEMFICA, Flavia Cristina Maggi. **Governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: desconstruindo mitos**. Dissertação de mestrado: PUCRS, 2007.

BENEVIDES, Maria Victoria. O governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. **Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2005.

CÊPEDA, Vera Alves. Celso Furtado e o desenvolvimento: a tensão entre capital e trabalho em arranjo político democrático. In: ABREU, Luciano Aronne de; SILVEIRA, Helder Gordim. (orgs.). **De Vargas aos militares: autoritarismo e desenvolvimento econômico no Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). FERREIRA, Jorge (org.). **O Brasil republicano, vol 3 – O Tempo da Experiência Democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MULLER, Geraldo. A economia política gaúcha dos anos 30 aos 60. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

SKIDMORE Thomas E. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

## Referências documentais

Jornal Correio do Povo, edições de outubro de 1955 e abril, julho e setembro de 1958.

Mensagem do Governador Leonel Brizola à Assembleia Legislativa, 1961.